

A PATRIA

Orgão dos interesses da colônia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle 25 de Maio 471, esq. de Ciudadela |||| Montevideo--Quarta-feira 27 de Abril de 1887 |||| Diário da manhã--Anno IX--Num. 2337

A PATRIA
é publicação diária e da manhã. -- Sabe pela
typographia do seu nome
DIRECTOR: PASSIO A. FARINHA
TELEPHONE "LA URUGUAYA" N. 293

**Tem no seu corpo de colabo-
radores, escriptores conheci-
dos da imprensa brasileira.**

Tem correspondentes nas capitais da Europa
e nas principais cidades da America do Sul.
Tem agentes em todos os departamentos da
Republica, nas povoações da fronteira com o
Brasil e com a Republica Argentina.

CONDIÇÕES
Assignatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.20
PARA FORA
Semestre . . . \$ 6.00
Anno . . . \$ 15.00
Numero do dia . . . 0.10
atrasado . . . 0.20
ASSIGNATURA PARA O BRASIL
Semestre (moeda papel réis) . . . 19000
Anno . . . 36000

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS
As assignaturas devem sempre concluir no fim
de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, poden-
do começar em qualquer dia.
A correspondência deve ser integralmente sel-
ada, sem o que não será retirado do correio.
Sempre deve ella ser dirigida ao Director.
Não se devolvem originaes, ainda que não se-
jam publicados.
As publicações "A patria" serão cobradas se-
gundo a tarifa da Administração.

COLLABORAÇÃO

Secção Franklin

Desde que Livartino, n'um prefacio
de suas "Meditações poeticas" afirmou
que as "meditações poeticas" e o "escripto-
rio" para a poesia e para os grandes sentimentos,
coisa só permitida a elle por ser real-
mente refractario a tues estudos, mas
não a outros que não esteja em seu es-
tado, — que eu mesmo banalmente repetir
esse orado conceito.

As mathematicas, como base de toda
e qualquer instrução sciencia, tanto
podem prejudicar a litteratura ou a qual-
quer disciplina moral, como um bom
alicerce para a litteratura e o mais artistico
monumento ou obra d'arte.

Como prova do que avancamos, po-
deriamos aluzir mil factos... Gueiro,
por exemplo, era um grande poeta quan-
to era grande homem de sciencia e pro-
fundo mathematico. Esta até nos honrou
a profissão, tendo sido emérito enge-
nheiro de minas.

Em um terreno mais modesto, mas
não menos verdadeiro, podemos hoje
apresentar uma prova de que o prin-
cípio que estabelecemos é, em toda a sua
plenitude, sem contestação.

Um engenheiro, nosso collega, distin-
cto cultor das sciencias, especialmente de
mathematicas, em que já ha publicado
interessante, methodico e simplificado
trabalho, nos minisrou com a seguinte
pharasia litteraria que encerra o docu-
mento de uma parábola e que, com au-
torização sua, substituímos seu nome
por um poetico pseudonymo, temos in-
tuição de publicar como um mo-
delo de precisão sciencia e de delicadeza li-
teraria no uso do pincel que as maneja.

Es o delicado especimen, tão proprio
para amansar esta modesta secção:

LUIS BORBOLETAS

a Transparece, apenas, ao longo o ro-
scilar da madrugada que despoita,

FOLHETIM DA PATRIA 235

O DR. ANGELO PAROLI

por
XAVIER DE MONTUPIN

TERCEIRA PARTE

XXXII

rava, mas com um cunho de verosimi-
lhança innegavel.

Quanto ao personagem da Rigola (da
tudo o ponto sympathico, posto que um
pouco nebuloso), era ella, perfeita-
mente elle.

Reconhecia as suas phrases habituaes,
as suas expressões ordinarias.

Parecia que o autor do drama tinha
vivido na sua intimidade, tinha-o ouvi-
do conversar longamente.

— Ah! diabol exclamou elle de repen-
ta, como é que o sujeito que escreveu
esta peça sabe tudo isto? Sabe de mais!
Palavra de honra, parecia que elle re-
presentou um papel neste negocio!

Oscar interrompeu-se durante um mi-
nuto, de bocca aberta, olhos arregalados,
reflectindo; depois tornou:

— Se fosse... sim, se fosse o proprio
assassino! Isso parecia muito; entretan-
to, a não ser esse palio, quem mais po-
deria conhecer essas minudencias? Em
tudo o caso, é preciso que elle me expi-

O ambiente está frio; nuvensinhas to-
nues distendem-se e asseendem do orva-
lho crystallino que repousa nas paginas
verdes das folhas, e nas vergontosas ex-
uberantes do vigo da luxuriante vegeta-
ção que irrompe de um sólo uberrimo.

Rorante favelio, nêem transporta
essas nuvensinhas quasi incolores, até
não mais se vêr.

Esvoaçam doidamente no ar, perse-
guem-se uma a outra — duas borbole-
tas; — no rel-az presume-se imminente
lucia e recia-se a collição d'aquellas
frangillimos seres. Azeviche e ouro são as
côres que distinguem uma das adversa-
rias; em suas asas a outra reflecte todo
o iris e forma como que um pequeno
sol irradiando côres de todos os matizes
com suas multiplices nuances.

Luctam... suas antenas chocam-
se, resvalam, mas não linem; suas asas
vargastem-se, inlectem-se, sem estridu-
lo; seus corpos confundem-se, suas asas
cossam do balçoar e ellas cuem umida-
de.

O ar, porém, as proleja e ampara-as,
e o tenuissimo pó multidor que se ex-
pande no curto rasão de suas asas, for-
ma uma esplendida gaze.

Indizível cartameo esse, em que as in-
acreditadas armas são uma maravilha do
debilidade.

Afim, separam-se; pouso no hastil
mais proximo a borboleta auri-negra,
enquanto que a outra se eleva, voeja em
todas as direcções como que haurido
francamente as emoções da victoria de
uma porfida pugna.

A vencia já abandonou o hastil o
pouso alhures muitas vezes; alhures
adega multissimo, inconstante, tambein
já não paira.

Ejil-as de novo, em facç uma da outra,
indecisas... correm... uma segue a
outra, não mais luctam, brincam e se
reconciliam.

A lucta das borboletas symbolisa nos-
sa vida, o embate constante do fundos
agouros, com os lampejos de subitas pra-
tezas.

A reconciliação e a inconstancia, re-
presentam perfeitamente a resignação e a
incoherencia manifesta da nossa vida;
hoje trazemos o sombriante carregado,
amanha apresentamos o cheio da alegria
jovial e expansivo.

Flavio Flores.

ATRAVÉS DO MEU ALBUM

O meu amigo Celso do Magalhães, es-
perancoso romancista e poeta do Mara-
nhão, — infelizmente bem cedo perdido
para as letras patrias, saudando Helar-
mino de Mattos, o simples aprendiz ty-
pographo, tornado depois dono do officio
e editor por sua perseverança, traba-
lho e intelligencia, collocava-o no lado de
Gonçalves Dias e outras glorias da pro-
vincia e do pais, dizendo:

Junto a Gonçalves Dias, João Lisboa. O
alumnio pô la vir de Gutenberg!
Baltarmino de Mattos! Dessa campai-
a Onde dormes, te ergue!

E terminava sua bella e de saudando
do seguinte modo a democracia que pro-
duzia taes resultados e de que elle pro-
prio era denodado representante e de-
fensor:

— Já longo vai o tempo em que sómente
Tinham valor dos nobres os braços...
Nobreza herdada, estulta que, cobria-se
De sedas e galões!

Existe hoje a nobreza na ferragem
Que cobre a mão callosa do operario:
Consiste no talento e o poeta e nobre
Como é o estatuario!

Em uma saudação á democracia. Tho-
mas Ribeiro, hoje, aliás, tornado mem-
bro do partido conservador li d'outra
bunda, ou regenerador como ali cha-
mam ao partido da ordem, dizia em um
dia de festa do trabalho, nos tempos em
que escravia o D. Jayme e outras obras
de verdadeiro merito.

que isso. Mas, onde achou o? Não lhe
sei o nome, e ignora a sua morada.

Dizem-las, a viram da Sophia amar-
rotava o manuscrito com má feitura.
No fim da ultima pagina, uma linha
escripta em tinta encarnada chamou a
sua attenção.

— O Sr. Clemente Leroux? disse Os-
car, abrindo a porta do quarto do por-
teiro.

— Este, porem, não seu locatario o
vendo um rolo de papel na mão do ré-
cemo-chegado, perguntou:

— O senhor traz um manuscrito, que
achou?

— Sim.

— Oh! o Sr. Leroux ha de ficar bem
contente. Subá deprezo... E' no quar-
to andar, a porta que ha ficado em frente.

— O ex-insecta e o compachinho sub-
traiu a escada com a rapidez que permit-
tam as pernas, ainda fracas, do Le-
briga. Oscar levou a campainha do an-
dar indicado.

— Ouviram passos no interior, a porta
abriu-se e as duas visitas acharam-se
em presença de um personagem que o
itmo de Sophia conhecia bem: Clemente
Leroux, o autor dramático, não era
senão Clemente, só, o escravo do Sr.
de Garray.

— Para escrever, para o theatro, Clomen-
te tinha ajuntado a esse nome o de Le-
roux, que era o de sua mãe.

— Sr. Rigault! exclamou elle em uma
surpresa facil de comprehender.

— Em pessoa verdadeira e natural,
respondou Oscar, entrando com Lam-
briga. E' agora, que o reconheço com-
prehendo o negocio. Oh! é intimo, Sr.
escribão, servil ao senhor de Regre-

As nobrezas d'outora são da historia,
Que em lettras d'ouro illustrações de guerra...
Mais vil que espada ou lança escorpo o serra
Mais que mil arsenaes uma officina!

Em uma festa do trabalho tambein, no
Maranhão, produzia um outro poeta po-
pular (o ali os ha e houve muitos em
todos os tempos), as seguintes estrophes
cheias de verdade e de sentimento da-
mocratico:

«Apostolos do progresso, avante, avante!
Tocae a meta que não longo está;
O trabalho é bello, é suave, é nobre,
Quando com honra elle o pão nos dá.

Que importam as lágas que o suor gojeja
Por sobre a fronte que honrada é?
E' santo orvalho borriando as petalas
Do amor, da honra, da esperança e do.

Se convirde sem custo, que qualquer
dellas versos vale um pouco mais do
que as insulsas produções aulicas v. g.
da Cachoeira de Paulo Alfonso —
onde está dito por um auctor cujo nome
agora não nos recordamos, — uma anti-
these do Castro Alves, que o cantou
tambein, — mas que sabemos ter occu-
pado logares emigentes no pais, nas dis-
tincções e na politica do 2.º reinado:

«Se as nayades do S. Francisco
Pedirem um dia a historia
Do teu passado de gloria,
Narra este facto, — só este,
Que em teus paços recordastes (sic)
O imperador do Brasil.»

E é destes versos que um escripto ul-
tramontano diz serem um «canto de
braves estrophes, de figuras ingenuas,
ricas de imagens felizes em que descre-
va com aquella singeleza e graça, que
lhe dora tanta nomeada na Tezina e na
Palmyra, esse phenomeno admira-
vel.»

— O leitor entendeu?

— Sem duvida está como nós... que
tambein não entendemos patavinha d'esse
mixto de cousas palacianas e ultramonta-
nas.

Diferenças entre o culto e a democra-
cia e as lisonjas á monarchia; ali o pen-
samento grande, fecundo e elevado....
aquí a esterilidade!

Para os poetas democraticos é o ho-
mem que admira as maravilhas da na-
tureza enquanto preenche seu dever e
rende graças á civilização por seu tra-
balho. Para os aulicos é exactamente o
contrario: é a natureza e é a civilização
que devem render homenagem aos reis!
Que divergencia!

E querem confundir-nos a todos nós
com elles, para fazerem d'uma naciona-
lidade uma massa informe, um festal á
monarchia! Que se façam elles só, a
si mesmos do pelestos e deixem-nos.

Por nossa parte, abraçando nos
grandes pensadores, nos grandes carac-
teres e aos grandes corações de todos
os tempos, tal não consentiremos.

Dr. Ennes de Souza.

SCIENCIAS

O hypnotismo

Referio-se um jornal do Rio de Janeiro
sobre a cura de certas enfermidades
pela suggestão hypnotica, methodo tha-
rapeutico ultimamente adoptado para
determinados casos, por alguns eminen-
tes professores da França a cuja frente
se acha o Dr. Charcot, autoridade sciencia-
fica e geralmente respeitada.

No Brasil, alguns ensaios hão sido
tentados pelo Dr. Erico Coelho, do cujo
bom resultado deu noticia a imprensa
academica de medicina. Por communi-
cação que dirigiu a uma folha o profes-
sor Kousuth Vitali, lente da physiologia
da faculdade de medicina do Rio de
Janeiro, participam que com provito
tem empregado esse methodo therapeu-
tico na sua clinica particular.

Eis o quiz esse professor:
«A leitura de um interessante artigo

publicado na imprensa sobre o hypno-
tismo, chamou minha attenção e o de-
sejo de fazer-lhe esta breve communica-
ção.

«Sei que alguns medicos brasileiros
já têm empregado a suggestão hypnoti-
ca no tratamento de certos estados mor-
bidos.

«Dapois que vim da Europa, onde ti-
ve occasião de ver a applicação varias ve-
zes em Nancy, mas principalmente em
Paris, na Salpêtrière, por Charcot e
Charles Richet, della me tenho utilisado,
como meio therapeutico, em diversas af-
fecções nervosas, com exito mais ou
menos feliz, nunca entretanto trazendo
o minimo prejuizo aos doentes.

«Tenho um caso em que o effeito foi
o mais prompto e admiravel que é pos-
sivel imaginar-se: é o de uma gentili mo-
cinha, filha de um distinctissimo official
da nossa marinha, a qual, em fins do
anno passado, foi acometida do varios
accidentes nervosos: insomnia, navralgia,
perlinza, rebeldia a todos os meios ordi-
nariamente empregados contra tal sym-
ptoma. Um dia essa tosse nervosa to-
pou um caracter assustador: o accesso
começou ás 4 horas da manhã e, apesar
dos medicamentos os mais variados e os
mais energicos, persistia ainda ás 4
horas da tarde, sem ter havido um mo-
mento de repouso. A familia, desolada,
rodeava a menina, exhausta de forças,
presa de fardadeira angustia. Então
provoquei o somno hypnotico, o que
consegui em tres ou quatro minutos, or-
danei á minha doenteinha que não tovis-
se mais, e a tosse, como por encanto,
cessou completamente, com tanto pas-
mo quanto contentamento dos extre-
mos parentes; dei-se a dormir ainda al-
guns minutos, acordando a-livro de quel-
le afflitivo symptoma.

«Essa menina foi vista pelo meu sau-
doso amigo e collega o professor Sr.
João Silva, que a meicou tambein em
minha ausencia.

«Poderia ainda citar-lhe alguns ou-
tros factos, entre os quaes o de uma
asthmatica, que entrando offigante para
o meu consultorio, depois de um somno
de um quarto de hora a vinte minutos,
salia livre e desembaraçada da oppres-
são que a affligia. O citado professor e
o illustre clinico desta cidade o Sr.
Dr. Goularte viram-na uma vez afor-
me e a respiração francamente. Mas pa-
ra não alongar esta noticia, nem abusar
da sua attenção e bondade, limito-me ao
que acima expuz.»

ACTUALIDADE

Quadro commovedor

Narrando com toda a minuciosidade as
scenas que se deram em Palermo, Ru-
nos Aires, quando teve lugar a execu-
ção do soldado Zenon Calderon, conta
um collega d'aquella cidade o seguinte:

«A enorme commoção columna en-
caminhava-se impetuosamente para ocupar
as posições determinadas e proximas ao
patalho de Zenon Calderon.

«Na retaguarda da massa alinhada
que encorava o quadro, estavam em pé
tres milhoes do pobre aspecto o humil-
dissimo traje.

«No necessitamos dizer que pertenciam
a essa classe especial da mulheres
que seguem os soldados na paz e na
guerra, identificando-se com seus desti-
nos com uma resignação adoravel e im-
propria do sexo fragil.

«Um movimento quasi instinctivo do
espírito, fez com que dirigissemos a vi-
sta para esse humilde grupo no solemne
conjuncto e nos tivemos d'isso felici-
dade.

«Suas physiognomias revelavam uma
dor sincera da alma; julgamos tam ali a
solidariedade da mulher do amantinho
com a sorte fusta ou infusta do solda-
do.

«A mulher lo especta tora obedecia em
seus movimentos aos impulsos da com-
passão e si algum sentimento de con-

dos da justiça para fabricar uma peça!
Que diria o senhor se eu fosse daqui le-
var esta papelada ao Sr. juiz de instigação!

«O senhor não tem nenhum interesse
em fazel-o, replicou o ex-collaborador
de Paulo Darmata. Praxedi talvez com
alguma levandade; mas, se o meu dra-
ma (se bem succedido, pretendo dar a
pública demonstração do escripto, para ser
escripto dramático, e nesse caso nin-
guem poderá censurar-me.

«E' possivel! Mas, o que se queira se-
me na cabeça que o Sr. de Garray não
ficaria satisfeito e acharia meio de im-
por a representação da peça. Pois bem,
não direi nada, com a condição de con-
tar-me o senhor tudo quanto sabe.

«Tu lo quanto sei? repetiu Clemente.
— Oh! sim! Cartas na mesa, meu caro!
Eu li trechos da sua peça, encontrei nel-
la accusações formais contra certas pes-
soas, cujos nomes, posto que estrophis-
cos, são reconhecíveis. São fundadas
essas accusações? Sa desconfiança de al-
guem, e preciso dizer-me. Sa está com
alguma pista, e preciso indicá-la. Assim,
quem é esse Dr. Vitali?

«E' o Dr. Paroli.

«O occulto!

«Ella mesmo. De me a sua palavra
que não me ha de trahir no Sr. de Ge-
rray antes da primeira representação do
meu drama, e eu não lhe occultarei na-
da do que comprehendi, do que surpre-
di, do que admirei.

«Dun-lhe a minha palavra.

«Pois bem! sim, creio conhecer o

dolencia es... estava, era o grilo na
tural da co... lateralidade humana.

«Aquellas tres mulheres deviam sen-
tir-se impulsadas por sensações diver-
sas: eram membros da familia do sol-
dado, do exercito, e assistiam á tremen-
da luta ocasionada pela execução de
uma parte do seu ser artificial.

«Com muito interesse continuavamos
observando o silencio grupo que sem
affecção alguma e com o coração com-
primido, cumpriam o ultimo dever.

«Uma das tres mulheres distingui-
a-se pelos sobressaltos nervosos que a do-
minavam: seus olhos angustiosos se-
guiam os movimentos das tropas.

«A carruagem que conduzia o réo
appareceu em scena — causou uma
commoção profunda nos espectadores.
A mulher a que alludimos cravava seus
olhos nas negras massas do publico "o
das tropas, como se quizesse indagar
de alguma cousa que a interessava; co-
mo se solicitasse dos successos uma in-
formação que embargava a sua alma. Appro-
ximava-se o momento supremo:

«A expectativa ceiou o seu lugar á
realidade.

«O réo dobrou os joelhos e resolveu a
primeira do-carga.

«Ao mesmo tempo e como ferida pelo
mesmo projectil que ferio Calderon,
aquella mulher deixou escapar um ai l-
luctivo e inclinou a cabeça, apertou a
fortemente com as mãos, cobrindo o ro-
stro com um lenço ordinario de algodão e
prorrompeu em amargos soluços derramando copiosas lagrimas.

«Nobre coração!

«A Magdalena do quadro procurava
ocultar nos olhares alhures os signios
de sua dor sincera e insupportavel, po-
rém, sua angustia manifestava-se ir-
resistivelmente.

«As duas compunheiras baixaram a
vista e por suas faces calibraram algumas
perolas do sentimento, symbolo da sua
adhesão ao pesar do seu compachieira.

«Um momento depois estava tudo
concluido: as tropas regressavam para
os seus quartéis, desfilando diante do
cadaver do executado.

«A humilde mulher dirigiu uma mi-
rada longuica pelo patibulo e em segui-
da retrou-se cabexa baixa, deixando escapar
um soluço intermitente: era a ultima
 despedida ao ser amado, o duro do-
ver do carinho estava cumprido.

«E quem era essa mulher que assim
chorava, com lagrimas vertidas do fun-
do do coração por Zenon Calderon, que
tinha declarado não ter na capital nu-
lhum parente?

«A admiração, mais que a curiosida-
de nos impulsou a averiguar o nome
dessa desgraçada, e tivemos a fortuna
de saber que se chama Rita Medina!

«Esqueceram-se os nossos leitores
quem é a heroína d'esse sympathico e
luctuoso quadro? Rita Medina foi a ama-
nha de Calderon até aoite do 15 de No-
vembro ultimo, em cuja noite elle a sor-
prehendeu com outro amante e casti-
gou-a ferozmente com a lamina do seu
punhal. Desde essa noite repeliu-a
para sempre como indigna do seu amor.
Por propria declaração do Calderon elle
não quiz mais vê-la.

«Essa mulher redimio hontem a sua
falta, regando com lagrimas do coração
o patibulo do executado. Foi o unico sa-
no terra que chorou a morte de Calde-
ron, pois a mãe, que mora em um canto
da Republica, não conhece a filha o tri-
to fim de seu desventurado filho.

«Rita Medina cumpriu com o seu de-
ver como só cumprio os espiritos el-
evados e generosos, as almas firmes, ac-
cessíveis aos sentimentos nobres.

«Nem sequer tentou olhar do ho-
mem amado antes de apresentar seu pa-
tulo ás ballas; nem sequer queixou-se de
que não se tivesse lembrado d'ella nos
ultimos momentos de sua vida. Seguiu
o cortejo a vista, situou-se ainda ella não
pouca vez, como si temesse uma re-
prehensão do seu caracter de ferro, o
d'ali li fidentico seu coração com o del-
lo, occultando nos olhares do mundo,
em um derramamento de sentimentos
que honram á humanidade a que nem

verdadeiro assassino da Jayme Bernier,
tornou Clemente Leroux.

«Davia té o indicio ao Sr. de Ge-
rray.

«Quiz fazel-o, mas elle está tão sa-
tisfeito comigo mesmo, que está cego o
a vaidade o absurdece... Não tem con-
fiança saúdo em si, e deslencosamente
impoz-lhe silencio. Foi o seu desleixo
que deu mo a idea do fazer representar
uma peça em que demonstrarei que uma
instrução dirigida por elle não tem seu
commum e não pôde ser senão um
absurdo. A sêda da vingança revelou-me
a minha vocação.

«Então equilibro o assassino? tor-
nou Oscar.

«Ainda uma vez, creio conhecel-o.

«O seu nome?

«Então, lepo não comprehendu?

«Não li tudo.

«Então, Sr. Rigault, leia a ultima
scena, e ha de comprehender, porque
estou certo de que a intuição fez-me pro-
pheta... Aquello a quem accuso, com
qual corioza, é aquella que verá com-
metter, no deslecho da minha peça, um
ultimo crime, que darei logicamente, fa-
lchando, coroar todos os outros. Se
meu patulo se tivesse dignado de me
deixar fallar, ha muito que esse ipisera-
vel não inspiraria mais recio... Leia!

«Enquanto fallava, Clemente Leroux
offerecia a Rigault a copia do ultimo
quadro.

«Oscar tomou o manuscrito e com os
olhos devorou a scena que o escripto
lhe indicava.

sompra espargem o seu calor e a sua
luz nas almas cupas socias.

«Rita Medina, a mulher do soldado,
expulsa sua falta, e o seu amado ha de
tela pardoado já, desde a mansão em
que se acha, porque é digna do seu
amor.

EXTERIOR

Exposição Sul Americana

Foi avultado o numero de expositores
do Brasil, premiados na Exposição Sul
Americana em Berlin.

Os promios consistiram em um diplo-
ma da medallha do ouro (I premio), um
dito da medallha do prata (II premio) e
um dito da medallha de bronze (III pre-
mio).

Os expositores premiados, da provin-
cia do Rio Grande do Sul, foram os se-
guintes:

«Sr. Carlos V. Kosaritz, o Dr. M.
V. Ihering (aos quaes a Exposição deve
a riev a interessante remessa dos ob-
jectos desta provincia, que nella figura-
ram) foram contemplados com o I pre-
mio com distincção.

«O Sr. Dr. V. Ihering tambein obtivo
um I premio na secção zoologica, um
dito dito secção botânica [collecção de
madras], um III dito, na secção phar-
macologica e clinica-physiologica [ca-
ra], um I dito na secção textis e estofos
de fibra [seda branca e amarella, sotto
grège].

Tambem obtiveram premios:

«Carlos Ritter, em Polotas, um II pre-
mio por um notavel quadro composto de
insectos, representando as armias do
Imperio Allemão [presente ao Impera-
dor d'Allemanha].

«Theodoro Bischof, em Mundo Novo,
um I premio por uma collecção de crâ-
neos e outra de amphiobios.

«Jacob Petersen, em Porto Alegre, um
II premio por uma collecção de madei-
ras.

21